

ERÓTICA SÍNICA

André Bueno¹

O que pode ser a ideia de um *Erotismo Chinês*? No Ocidente não sabemos quase nada sobre o assunto, e muitas vezes o que fazemos é tão somente repetir preconceitos, desenganos ou equívocos acerca deste tema tão pouco conhecido. A pretensão de universalidade das ciências humanas tem gerado impressões errôneas sobre como podemos apreciar a mentalidade erótica chinesa. A China, em sua durável milenaridade civilizacional, lança desafios para nossas categorias de análise, propondo-nos uma constante revisão de nossas afirmações generalizantes.

Os principais tipos de problemas associados ao entendimento do que poderia ser o *erotismo chinês* [ou uma sexualidade chinesa?] misturam-se com uma impressão difusa que o Ocidente construiu sobre o Oriente desde o século 19. Por um lado, confunde-se a China com a Índia e com o mundo árabe, e tomando por base textos muito pouco compreendidos (como o *Kama sutra* indiano e o *Jardim das Delícias* árabe), estabelece-se a noção de que estas civilizações seriam devassas, lascivas, num eterno carnaval de sensações onde tudo é permitido e as mais diversas fantasias se realizam. Essa maneira de olhar o outro, o *Orientalismo* – tão bem denunciado por Edward Said (1998) – tornou-se uma forma de interpretar, de modo indistinto e pejorativo, o mundo asiático. Ora, não precisamos muito para perceber que este é o tipo de crítica preconceituosa e mal-fundamentada. Ela se baseia na concepção de uma sexualidade restritiva e pecaminosa (ou seja, eminentemente cristã e Ocidental) e, por conseguinte, todo e qualquer tipo de povo que possuísse uma visão mais “aberta” [mais precisamente, ‘diferente’] do assunto deveria ser enquadrado como libertino, perverso – e porque não – irracional e selvagem.

Por outro lado, os primeiros estudos acadêmicos mais sérios encontraram nas mesmas Índia e China sistemas sociais complexos, nos quais a questão do matrimônio, do papel da mulher e da constituição da família pareciam, por vezes, ser tão ou mais difíceis que no “Ocidente-razional”. Confundindo a questão da sexualidade com a estrutura cultural dessas sociedades – que não era peregrina, nem eterna, nem imóvel e nem única, como muitas vezes se propôs – estes “especialistas em culturas exóticas” interpretavam sinais específicos de cada uma

¹ Pós Doutor em História pela UNIRIO; Prof. Adjunto do Curso de História da UNESPAR.

dessas civilizações como se fossem marcas indelévels de sua irracionalidade, de uma continuidade infundável do passado, de um “atraso milenar”.

Assim, casamentos arranjados (que ainda eram tão comuns na Europa do século 19) eram vistos como uma sobrevivência primitiva ímpar; atar os pés das chinesas, com fins estéticos, uma tortura intolerável e abjeta (mas os espartilhos supressores de costelas, não); maridos polígamos ou mulheres poliândricas eram inaceitáveis num mundo onde o certo seria a monogamia (embora não fosse mal visto no velho continente a existência de uma amante); além disso, onde estava a arte de representar corpos, tal como os gregos criaram, que não existia na China? Nus artísticos não seriam um problema erótico – mas sua ausência só demonstra este recorrente “atraso mental” em que os asiáticos estariam, incapazes de apreciar a beleza estética. Oscar Wilde denunciou brilhantemente essa hipocrisia, na forma irônica e mordaz que o caracterizava: “Tudo tem a ver com Sexo, exceto o próprio Sexo. Sexo tem a ver com Poder”.

O que observamos, portanto, é um panorama incerto nas avaliações antropológicas que foram feitas sobre o “Oriente”. Tratava-se antes de tudo de desvalorizá-lo, enquadrando-o em categorias que lhes eram estranhas. Assim, mostrando sua incapacidade total em decidir sobre a miragem de um mundo de bizarrices erótico-selvagens ou, num outro construído sobre bases castradoras, repressivas e machistas, os ocidentais terminaram por construir experiências acidentais e quase sempre incompletas acerca do problema na sociedade chinesa.

É preciso, portanto, que vejamos a questão do erotismo chinês em suas singularidades, separando-o do contexto indiano, determinado suas especificidades e buscando realizar uma análise ao máximo desprovida de preconceitos e achismos. Caso contrário, oscilaremos sempre entre a visão restritiva ou permissiva, sem chegar a qualquer tipo de conclusão razoável, assegurando apenas a manutenção de nossa ignorância.

A visão tradicional

No entanto, as avaliações feitas pela sinologia europeia do século 19 tinham algum fundamento. A China vivia sob o jugo de uma dinastia estrangeira, os Qing [1644-1912], cujas origens culturais mongólicas defendiam práticas extremamente misóginas. Houve um recrudescimento, e mesmo repressão, sobre as concepções de sexualidade compartilhadas pelos chineses. Um surto de práticas machistas, baseadas na ideia de total submissão da mulher, ensejou praticamente um retrocesso nas concepções mais antigas. De certa maneira, isso não seria possível se no próprio passado chinês, uma luta incessante se desenrolasse, dentro da

sociedade, entre um discurso de afirmação masculino, austero e repressor, representado por uma elite Confucionista, e seu grande oponente, a teoria libertária, igualitária e feminina representada pelo movimento do Daoísmo.

O Confucionismo representava uma doutrina intelectual que pregava o estudo e o aprimoramento intelectual como formas de estabelecimento de uma conduta moral adequada. Inspirados nos escritos do sábio Confúcio [-551 -479], o pensamento confucionista pressupunha a existência de uma série de regras de comportamento e etiqueta, que conduziriam a formas ideais de atitude social. Confúcio defendia, em linhas gerais, que o seu pensamento atingia tanto a homens quanto mulheres, e não propunha distinções claras entre ambos. Suas discussões não visavam, necessariamente, uma regulação dos corpos, mas sim, a ponderação sábia sobre as atitudes éticas e morais. Todavia, a continuidade do Confucionismo, ao longo da história chinesa, foi marcada pela tentativa de alguns autores de estabelecer interpretações misóginas com base nos escritos de Confúcio. Desde o século -3, com a instauração da Dinastia Han [-206 a +220], surgem alguns textos pregando uma submissão feminina – nos quais nenhuma discussão mais aprofundada sobre o erotismo e a sexualidade são postas, em detrimento da condição da mulher. A partir de fragmentos mais antigos, a filósofa Ban Zhao [+45 a +116], por exemplo, dizia que

A mulher está sujeita ao homem, não devendo dirigir qualquer negócio ou ocupação, mas sim seguir apenas a Regras das Três obediências: Em solteira, deve a mulher absoluta obediência ao pai; quando casada, absoluta obediência ao marido e, se enviudar, absoluta obediência ao filho mais velho. Não poderá assim a mulher jamais atuar de sua livre vontade. (Nujie, 6)

Mas Ban Zhao era uma filósofa, e uma das maiores historiadoras de sua época. Sua independência aparentemente não condizia, justamente, com o seu discurso. Uma análise de outras partes de seu texto, o *Nujie* [Manual Feminino], em que ela defende que as mulheres deveriam ter acesso a escrita, igualdade no lar, e reprovação contra a violência doméstica masculina nos sugere, pois, que seu livro possa ter sido adulterado, e sofrido interpolações por parte de seus revisores.

Como contraponto, podemos citar Liu Xiang [-77 a -6], autor do livro *Lienu Zhuan* [Biografias das Mulheres Exemplares], que cita os modelos ideais e reprováveis de Mulher. Ora, na biografia da mãe de Mêncio [-372 a -289], considerada um exemplo dignificante de mulher, ele apresenta-a como viúva, independente, que se sustentava sozinha, e que foi a primeira mestra de seu filho.

Ao analisarmos esses documentos, precisamos ter em mente dois mecanismos fundamentais presentes na escrita da história chinesa, a *Analogia* e a *Inversão* (BUENO, 2011). A *Analogia* trata dos exemplos eventuais ou humanos, que serve para efeito de comparação. A partir de um fragmento histórico anterior, os chineses propunham que poderíamos neles nos inspirar como modelos, ou utilizá-los como referência para a resolução de um problema. Nesse caso, pois, os trechos apresentados poderiam ser classificados, de imediato, como analogias. No entanto, os mesmos chineses defendiam que o contraponto necessário e importante ao entendimento da História era a *Inversão*. Quando um discurso é recorrente, multiplica-se ou tenta se impor, ele denota, justamente, a existência do problema; e quanto mais ele é apresentado, por inversão, isso implica que o “problema” igualmente aumenta. Essa questão é importante para entendermos a redação dos dois livros citados, que serviriam de base para o estabelecimento dessa visão “Confucionista” sobre a sexualidade. Por inversão, podemos entender que esses discursos não seriam nem tão inspirados em Confúcio, nem tão precisos quanto parecem. A idealização corresponde, talvez, a contrapartida de uma realidade que andava distante a passos largos da ordem moral que esses textos propunham.

A maior evidência disso é que os Confucionistas eram os principais editores de livros desde a China Antiga. São esses mesmo Confucionistas, aparentemente machistas, que vão ajudar a promover, igualmente, a literatura Daoísta, sua grande “opositora” nas concepções chinesas de sexualidade.

O Daoísmo era uma espécie de movimento filosófico surgido também no séc. -6, a partir dos ensinamentos de um sábio chamado Laozi [séc. -6?]. Laozi defendia que a Terra era Mãe, e que o princípio que alimentava toda a vida era feminino. A inspiração desse discurso vinha de um passado matrilinear da cultura chinesa (AMARO, 1997), cujas reminiscências são fortes, até hoje, na sociedade. Não deveria existir a submissão de um pelo outro, mas um jogo harmônico e produtivo entre ambos. No texto fundamental do Daoísmo, o *Daodejing* [Tratado da Virtude e do Caminho], Laozi afirmava que

o espírito do vale não morre
diz-se místico feminino a
porta do místico feminino
diz-se raiz do céu e da terra
suave e multíflua
(*Daodejing*, 6)

Desse modo, os Daoístas buscavam expressar uma visão de mundo feminina e alternativa, e atravessaram os séculos sendo os opostos complementares dos Confucionistas.

No mesmo período Han, eles escrevem uma série de pequenos tratados (como veremos adiante), que se contrapõem a essa literatura, apresentando um outro panorama sobre a sexualidade chinesa.

A apresentação sucinta dessas duas correntes visa demonstrar, pois, que a questão é mais complexa do que parece. Se por um lado os Confucionistas pareciam representar a sociedade repressora e machista que os acadêmicos Ocidentais enxergavam na China, os Daoístas eram o exemplo acabado da libertinagem proposta pelos Orientalistas. Tanto mais isso se complicava na medida em que muitos Confucionistas liam e divulgavam escritos Daoístas, e vice-versa, causando um trânsito intermitente de idéias entre grupos, classes e pessoas. Assim, o que podemos dar, aqui, é uma interpretação ao máximo cuidadosa dos escritos chineses, no que tange a questão do Erotismo, tendo em vista que esses discursos (como qualquer um) ilustram ideais sociais e civilizacionais, mas não necessariamente refletem a realidade como um todo. A questão do Erotismo chinês tem que ser traduzida de uma literatura específica, cujo direcionamento e contexto nos revelam, ainda, outras facetas do imaginário sínico. O Erotismo transitava entre essas duas noções, aparentemente opostas, que os chineses buscavam a todo custo “harmonizar”. É o que veremos, pois, a seguir.

Noções básicas

De início, a China nunca concebeu o ato sexual como uma atividade problemática, ao contrário; ele fazia parte da natureza, tal como o ato de alimentar-se, respirar ou dormir. No entanto, de uma forma ligeiramente diferente dos outros animais, o ser humano não realizaria estas atividades apenas com “fins práticos”. Obtendo uma certa consciência sobre elas, os humanos poderiam empregá-las de modo a obter e proporcionar prazer, desenvolvendo o potencial primário contido em cada um desses atos. Podem, igualmente, pesquisá-las e aprimorá-las, aperfeiçoando o natural.

Consequentemente, o Erotismo chinês nunca sofreu, diretamente, de um problema de inibição ou repressão nos tempos antigos. Isentos da noção de pecado, os chineses não viam mal nenhum em sua prática. Imaginação, desenvoltura e disposição eram elementos bem recebidos em sua execução. Então, porque aparentemente a atividade sexual e erótica é tão pouco citada na vasta literatura chinesa? Qual seria o motivo dos chineses serem tão discretos sobre o tema, parecendo quase pudicos?

A resposta, segundo Chang [1979], é, justamente, pelo fato dele ser encarado de modo natural. Não sendo castrado nem pejorativo, ele não causaria a conhecida “atração pelo proibido”, tão comum no Ocidente. Ele tinha seu lugar próprio nas atividades cotidianas, possuía sua própria literatura, era passado como um conhecimento familiar, uma experiência de vida, era devidamente ensinado por parentes ou aprendido em bordéis (que desde a antiguidade chinesa são regulamentados, taxados, incluíam homens e mulheres, e pouco tinham de marginais).

Não despertando então um “furor pelo desconhecido”, e nem abordado com reticências, o sexo passou a ser encarado de outro modo, que se aproxima muito mais da noção de higiene, saúde ou prática física. Pensadores diversos discutiriam a questão do sexo como uma atividade salutar ao ser humano, mas que necessitaria de um certo controle. Tal controle nada tinha de ideológico, mas era, antes de tudo, fisiológico. Preocupados com as possíveis doenças que poderiam advir de uma prática excessiva ou deficitária, estes sábios da antiguidade pregavam uma utilização racional desta poderosa atividade física, visando um estímulo adequado à saúde de seus praticantes. Visão, portanto, bastante distante de um sexo apenas com fins de “procriação”.

Isso não significa que não houvesse, porém, certas conotações morais para sua realização. Deveria ser feito com consentimento mútuo, havendo ou não amor envolvido (ou seja, ele poderia ser apenas por prazer). Práticas que consideraríamos usualmente como “pervertidas” ou “incomuns” não eram concebidas como algo estranho, conquanto que desfrutassem de aprovação de suas partes. A atividade sexual só era mal vista quando realizada de modo violento, mal intencionada ou abusiva. Em geral, pois, o sexo só era um problema quando violava a individualidade.

Eis porque, ocasionalmente, a questão sexual esbarrava nos problemas familiares e nos casamentos arranjados. Buscava-se fornecer algumas noções ou literatura sobre o assunto para que os cônjuges desfrutassem de uma relação mais prazerosa, posto que haviam sido forçados a contrair matrimônio. Já existia na China antiga, porém, o divórcio para relações malsucedidas; além disso, as alianças familiares planejadas eram realizadas, em geral, pelas classes mais abastadas. Grande parte do povo simplesmente praticava a união comum, onde uma mulher ia habitar com seu escolhido após um rápido namoro, em geral acontecido de forma espontânea e normalmente consentido pelas famílias (GRANET, 1979).

A questão fisiológica

Os chineses viam a relação entre homem e mulher como um processo de interação natural das duas essências constituintes do universo, Yin e Yang, de acordo com sua visão cosmológica. Por conseguinte, estimular esta relação, baseada numa concepção de oposição complementar, significava promover a saúde mútua, abastecer o parceiro de energia e manter a própria através de um exercício vigoroso. Era a ideia de uma “Harmonia” interna, realizada por meio do intercuro externo.

Assim sendo, a prática do sexo era natural, prazerosa e altamente recomendável com remédio para vários tipos de males físicos e psicológicos. Curiosamente, alguns dos antigos especialistas no assunto aconselhavam a prática do sexo através de relações estáveis entre os parceiros, não só para obtenção de ritmo, como para o fortalecimento do vínculo afetivo. Uma antiga lição, portanto, de que mesmo que o sexo possa ser considerado instrumento, ele é, também, uma forma de doação, de transmissão de sentimentos, de aperfeiçoar afinidades.

Mesmo sendo uma atividade saudável, tal como todo o tipo de exercício, o sexo necessita de uma certa regulação. Como dissemos, a questão era evitar o seu uso excessivo ou deficiente, o que implicava em extenuar as forças dos indivíduos ou esgotá-los nervosamente.

Como afirma o *Neijing* (o conhecido Tratado Interno da Medicina Chinesa, do séc. 1);

Os antigos conservavam os seus corpos unidos às suas almas, a fim de cumprirem por completo o período de vida que lhes estava destinado, contando cem anos antes do passamento. Hoje em dia, as pessoas não são assim; utilizam o vinho como bebida, e adotam a temeridade e a negligência como comportamento habitual. Entram na câmara do amor em estado de embriaguez; as paixões exaurem-lhes as forças vitais; o ardor dos desejos malbarata-lhes a verdadeira essência; não são hábeis na regulação da sua vitalidade. Devotam toda a atenção ao divertimento dos seus espíritos, desviando-se assim das alegrias da longa vida. Levantam-se e deitam-se sem regularidade. Por tais razões, só chegam à metade de cem anos, e degeneram. (*Neijing*, 1)

Sofrendo da ausência de energia, uma pessoa ficaria doente ou indisposta; não se controlando, ela poderia viciar-se, e gerar transtornos a si mesmo ou a outros devido a sua compulsão e a uma insatisfação repetitiva. Em ambos os casos, a literatura erótica chinesa costumava afirmar que se trata literalmente de sexo mal realizado, geralmente causado por desconhecimento, aflição ou um propósito que não fosse o bem estar mútuo. Novamente, os antigos chineses pretendiam uma lição; aqueles que visassem tão somente o prazer próprio, de maneira egoísta, nunca satisfariam nem a si, nem aos outros. Diz o *Sounujing* [Tratado da Moça Misteriosa, do séc. +1];

A causa da fraqueza dos homens está somente no fato de que aproveitam de forma abusiva de todos os caminhos do relacionamento entre os elementos feminino e masculino. Neste ponto, a mulher é superior ao homem, da mesma forma quando o fogo é apagado pela água. Se você compreende isso e sabe aplicá-lo, você se parecerá com as panelas apoiadas num tripé em que são combinadas harmonicamente as cinco tendências do paladar, fazendo com que surja uma sopa deliciosa de carne e legumes. Quem está bem informado sobre os caminhos dos elementos feminino e masculino desfrutará os cinco prazeres; quem não os conhece e não segue encurtará a própria vida. Quantos prazeres e alegrias ainda podem ser desfrutados! Quem não dedicaria atenção a isso? (*Sounujing*, 1)

Tal condição irá se refletir numa postura singular do erotismo chinês, que é o ideal do orgasmo feminino. Provavelmente uma das poucas filosofias de alcova que pregam este procedimento, a tradição erótica chinesa defenderá como um fato fisiológico fundamental para o sucesso de um intercuro sexual a promoção de vários orgasmos femininos. Mais; defenderá uma postura ativa das mulheres, de modo que estas procurem os procedimentos eróticos que lhes pareçam mais agradáveis. Quanto ao homem, subverte a concepção de ser um simples dominador e torna-se num devoto do feminino. Para ser considerado como alguém bem sucedido nesta atividade, ele deve ser capaz de proporcionar o máximo de prazer possível para sua companhia. Procura, então, controlar ao máximo o seu orgasmo, evitando um desperdício prematuro de energia. A descoberta de uma coleção de textos eróticos, datados do séc. -1 em Mawangdui, revela que essa concepção era razoavelmente bem difundida na sociedade, especialmente entre a elite letrada (supostamente “Confucionista”) (CLEARY, 1994).

Este procedimento quanto ao orgasmo feminino baseia-se na já citada concepção cosmológica chinesa onde as energias yin e yang se engendram mutuamente. Disse Wu Xien, no *Fang Chungshu* [Livro da Alcova, séc. +1]: “O Macho pertence a Yang; a peculiaridade de yang é que ele se excita facilmente, e também se retira facilmente. A fêmea pertence a Yin; a peculiaridade de yin é que ela é lenta para excitar-se, e lenta também para saciar-se”. Como o ritmo de yang (masculino) é rápido, desgasta-se prematuramente, e deve ser controlado, até atingir a culminância; quanto ao yin (feminino), demora para ser desperto, é devagar e constante, e por isso deve ser estimulado continuamente. Neste processo de trocas, o homem adquire energia yin proveniente da mulher, equilibrando o seu próprio yang e alcançando um estado de bem estar e saúde – no caso da mulher, o mesmo sistema funciona ao contrário. Além disso, o homem que busca gerar prazer para sua companheira acaba proporcionando a si próprio o mesmo (se, claro, sua consciência for de troca, e não de prazer egoísta e individual – se é que este pode existir de forma completa). Eis porque, então, a mulher é estimulada a ter uma atitude beneficentemente agressiva na cama, livrando-se de uma possível subserviência cotidiana. Ela não

só tem direito a este prazer como alcançá-lo é um problema do casal, uma questão de bem-estar físico e mental (CHANG, 1979, p. 90-9).

Questões sociais

Tal liberalidade no erotismo chinês sempre causou alguns transtornos para a compreensão Ocidental. Se esta concepção naturalista do sexo afastou os chineses de uma série de traumas e obsessões típicas, seus desdobramentos sociais causavam um espanto tremendo ao observador incauto.

Posto que o sexo podia ser praticado por prazer e/ou por amor, sem que houvesse uma necessária implicação reprodutiva, os chineses desligaram-se, bem cedo, das rédeas de uma heterossexualidade restritiva. Obviamente a relação entre um homem e uma mulher era visto como “mais natural”, mas os chineses compreendiam e aceitavam sem grandes constrangimentos que homens ou mulheres podiam nascer com quantidades significativas da energia oposta (yin para os homens, yang para as mulheres) em sua constituição – gerando uma atração fisiológica por alguém do mesmo sexo; ou, que podiam experimentar tipos de relação diferentes, com fins pedagógicos, ou por simples curiosidade.

Assim sendo, a China não conheceria a noção do homossexualismo; o ser pratica sexo com quem mais lhe convém, com quem lhe gera prazer (contanto que sejam guardadas as regras do consentimento mútuo). As pessoas são apenas criticadas quando suas condutas não condizem com sua posição e deveres sociais; ou seja, alguém que fosse corrupto, por exemplo, seria inquirido por sua vilania com o alheio, independente de sua predileção por homens ou mulheres. Além disso, a parceria com alguém do mesmo sexo não gerava uma condição sexual perene; não existia a denominação “homossexual”, as pessoas podiam mudar de predileção ao longo da vida. Ninguém é eternamente culpado por “quebrar uma regra” (ser hetero), simplesmente porque essa regra não existia. Só existiriam homens ou mulheres, em termos corpóreos. O restante seria escolha, que poderia variar, mudar de acordo com a época (ou não), mas seria antes de tudo uma opção pessoal (FANG, 1991, p.107-135).

Num contexto em que se podia, então, desfrutar de uma sexualidade pouco repressiva, a organização social tratava de encontrar um lugar adequado para sua discussão. Posto que as tensões sociais centravam-se comumente em outros aspectos da vida, tais como a política, o sustento particular, a organização familiar ou a busca pelo conhecimento (tal como aparece nas principais discussões filosóficas desde a época de Confúcio), o espaço do erotismo deslocava-

se com naturalidade e fluidez entre o âmbito familiar e o público, difundindo-se igualmente nas artes, na literatura e nas ciências. A ausência de uma exibição ostensiva da sexualidade se dava, justamente, pela forma calma com que a questão era tratada – discutido, analisado, comentado, o sexo era conhecido o suficiente para despertar pouco mais do que curiosidade diante de imagens sensuais ou explicitamente eróticas. (JULLIEN, 2005)

Por conta disso, a produção de uma arte específica neste campo dirigia-se costumeiramente aos manuais sobre artes eróticas, destinados à educação de cônjuges ou interessados em geral (ETIEMBLE, 1970). Uma passagem clássica no romance *Rouputuan* [Tapete de Carne], da dinastia Qing, ilustra bem este caso: um marido, a fim de instruir e despertar o desejo por parte de sua esposa, mostra-lhe uma série de pinturas sensuais, conseguindo por fim alcançar seu intento. De fato, desde o século 18, coletâneas de literatura erótica, manuais e uma vasta coleção de textos ligados ao tema vinham sendo coletados e ajuntados em edições amplas, até que no início do século 20 um vasto Cânon de textos de sexologia chinesa foi constituído de forma enciclopédica, e lançado com o título de *Xuang Mei jing An Zong Shu* [Coleção da Dupla Ameixeira].

Além disso, os textos clássicos da medicina abordavam, igualmente, o problema da sexualidade de modo bastante explícito e direto. O já citado *Neijing*, como vimos, foi um dos principais tratados médicos antigos (talvez o primeiro da história da China), e já analisava a questão com clareza e objetividade técnica, instruindo o leitor sobre as vantagens e perigos da prática sexual.

Tendo por base uma tradição educacional que, por via oral ou escrita, soube proporcionar um conhecimento satisfatório sobre o tema sem lhe atribuir uma carga pejorativa os chineses conseguiram, então, estruturar seu conhecimento sobre o erotismo e sexualidade de uma forma criativa, consciente e saudável. Inseridos nesta visão de mundo que lhes era própria, entendiam a atividade sexual não como um problema, mas sim como algo que tinha o seu tempo para acontecer, que pertencia a uma parte da vida do indivíduo cujo ciclo desenvolver-se-ia na ocasião oportuna.

Conclusão

Vimos, portanto, que o erotismo chinês esteve longe de sofrer das condições asfíxiantes que usualmente foram impostas ao Ocidente. De fato, apenas com a ascensão do Maoísmo (em 1949) iniciou-se uma campanha repressora contra o sexo, defendendo uma série de preceitos de

“moral e bons costumes” estranhos a sociedade chinesa. Homossexuais e prostitutas foram identificados, reeducados e “curados”. Em suma, parte desta tradição milenar com a sexualidade foi fortemente abalada, tendo em vista a supressão de seus aspectos positivos e negativos. De fato, nem sempre os alvos do governo marxista concentravam-se no erotismo propriamente dito, mas também em práticas nefastas como o comércio de mulheres, os casamentos arranjados, a violência machista e na implementação da liberdade individual, quebrando com uma série de práticas do passado chinês consideradas como preconceituosas e repressivas.

O principal aspecto, pois, deste erotismo chinês, é a sua capacidade justamente em contrabalançar a possível rigidez social existente numa sociedade em que predominaria o poder masculino. A Erótica Sínica, privilegiando a mulher como o centro da relação sexual, numa concepção de universo onde o prazer não era um problema, mas sim um objetivo salutar a ser compartilhado, concebeu uma teorização completamente diferente daquela que asfixia a relação entre os sexos no Ocidente. Sem pecados, sem culpas, mas realizando-o com consciência e conhecimento, a China conseguiu elaborar uma visão consistente e coerente acerca da questão do sexo. Talvez, por isso, ela seja um dos países mais populosos do mundo.

Eis, pois, uma sabedoria que não deve ser desprezada.

Referências

Os fragmentos documentais aqui apresentados estão disponíveis em:

BUENO, André. *Cem textos de História Chinesa*. União da Vitória: Kayganguê, 2009.

SPROVIERO, Mário. *Escritos do Curso e sua Virtude*. São Paulo: Hottopos, s/dt. Disponível em: <http://www.hottopos.com/tao/index.htm>

Demais referências:

AMARO, Ana Maria. O culto da mulher no neolítico chinês. *Revista da Cultura*, Macau: ICM, 1997.

BADELL, Taciana. *El outro sexo del dragón*. Madrid: Narcea, 1997.

BUENO, André. Uma história inventada. *Projeto Orientalismo*, 2011. Disponível em: <http://orientalismo.blogspot.com.br/2011/07/uma-historia-inventada.html>

CHANG, Joaln. *O taoísmo do amor e do sexo*. Rio de Janeiro: Artlivros, 1979.

CLEARY, Thomas. *Sexo, salud y larga vida*. Madrid: Oniro, 1994.

- ETIEMBLE. *Yun Yu: An Essay on Eroticism and Love in Ancient China*. Londres: Nagel, 1970.
- FANG, Fu Ruan. *Sex in China: studies in sexology in Chinese culture*. Nova Iorque: Plenum, 1991.
- GRANET, Marcel. *A Civilização Chinesa*. Rio de Janeiro: Forni, 1979. Fragmento utilizado está disponível em: <http://marcelgranet.blogspot.com.br/2008/04/vida-dos-camponeses01.html>
- GULIK, Robert V. *Vida sexual en la China Antigua*. Madrid: Siruela, 2001.
- HEILMAN, H. *Fang Chungshu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- JULLIEN, François. *Le Nu Impossible*. Paris: Seuil, 2005.
- LIYU. *Jouputuan*. Lisboa: Livros do Brasil, 1979.
- MUSSAT, Maurice. *Sounujing*. Paris: Medicis, 2003.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- WOO Chang Cheng. *Erotologie de la Chine*. Paris: 1963.